



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS-CCSA
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

ALEXSANDRA ALBA ALVES DIAS

**A ABORDAGEM GRUPAL COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO
DO SERVIÇO SOCIAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

ALEXSANDRA ALBA ALVES DIAS

**A ABORDAGEM GRUPAL COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO DO
SERVIÇO SOCIAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Departamento de
Serviço Social da Universidade Estadual
da Paraíba (UEPB) em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Prof^a Me Thereza Karla de Souza Melo

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541a Dias, Alexandra Alba Alves.

A abordagem grupal como instrumento de intervenção do serviço social [manuscrito] : possibilidades e desafios / Alexandra Alba Alves Dias. - 2019.

30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Thereza Karla de Souza Melo , Coordenação do Curso de Serviço Social - CCSA."

1. Serviço Social. 2. Dimensão técnico-operativa. 3. Trabalho com grupos. 4. Grupo de gestante. I. Título

21. ed. CDD 361.4

ALEXSANDRA ALBA ALVES DIAS

**A ABORDAGEM GRUPAL COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO DO
SERVIÇO SOCIAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Departamento
de Serviço Social da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB) em
cumprimento às exigências para
obtenção do título de Bacharel em
Serviço Social.

Data : 19/12/19

BANCA EXAMINADORA

Theriza Karla de S. Melo

Profª Me Thereza Karla de Souza Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Maria do Socorro Pontes de Souza

Profª Me Maria do Socorro Pontes de Souza
Universidade Estadual da Paraíba

Nara Rúbia Barreto Paiva

Assistente Social Nara Rúbia Barreto Paiva
UBSF Nova Brasília

CAMPINA GRANDE - PB
DEZEMBRO 2019

..."Os bons serviços públicos são grandes conquistas sociais e uma demonstração convincente de que uma sociedade de fato evoluiu." (Ricardo Fischer)

Dedico este trabalho às pessoas que mais amo em minha vida: a minha família, que muito contribuiu para que eu chegasse à conclusão deste curso. Vocês fazem parte desta história.

Amo vocês

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2. A INSTRUMENTALIDADE NO SERVIÇO SOCIAL.....	8
2.1 Os instrumentos de trabalho diretos ou face a face	11
2.2 Os instrumentos de trabalho indiretos ou por escrito	14
3. O SERVIÇO SOCIAL E A INTERVENÇÃO COM GRUPOS	15
3.1 Aspectos importantes no trabalho com grupo	17
3.2 A importância dos grupos nas relações sociais	19
4. A EXPERIÊNCIA NO GRUPO RODAS DE CONVERSA PARA GESTANTES E FAMÍLIAS GRÁVIDAS DA UBS “WESLEY CARIRI TARGINO”	20
4.1 Caracterização institucional.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

ANEXOS

A ABORDAGEM GRUPAL COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Alexsandra Alba Alves Dias¹

RESUMO

O Serviço Social é uma profissão inscrita na divisão socio-técnica do trabalho, que participa do processo de produção e reprodução das relações sociais na sociedade capitalista, caracterizando-se por ser uma profissão eminentemente interventiva. Dessa forma, a discussão sobre os instrumentos e técnicas utilizados na ação do Assistente Social ocupa um lugar de destaque no debate profissional. Nessa perspectiva, a intervenção do profissional na contemporaneidade dispõe de diversas possibilidades de instrumentais técnico-operativos: Observação, Visitas Domiciliares e Institucionais, Entrevistas, dentre outros. Alguns desses instrumentos possuem um caráter mais coletivo, tais como a reunião, a sala de espera, o grupo. Diante deste contexto, este artigo apresenta uma reflexão sobre as possibilidades e desafios do trabalho com grupos a partir do relato de experiência de estágio junto a um grupo de gestantes da Unidade Básica de Saúde Wesley Cariri Targino, localizada no Bairro Nova Brasília, na zona leste da cidade de Campina Grande/PB, a qual se constituiu enquanto campo de estágio obrigatório em Serviço Social no período de novembro de 2016 a abril de 2018. O mesmo foi construído a partir da pesquisa bibliográfica em produções científicas que possibilitaram uma melhor apreensão do tema em questão, a exemplo de autores como Guerra, Trindade, e está constituído por itens que abordam: a instrumentalidade do Serviço Social, os instrumentos e técnicas utilizados pelo assistente social, o trabalho com grupos na trajetória profissional e a experiência de estágio na UBSF Wesley Cariri Targino. A intervenção com o grupo Rodas de Conversa com Gestantes e Famílias Grávidas, teve uma boa aceitação tanto pela equipe quanto pelas participantes, as quais sempre demonstraram interesse nos assuntos abordados trazendo relatos individuais e desenvolvendo as atividades propostas para o grupo.

Palavras-chave: Serviço Social. Dimensão técnico-operativa. Trabalho com grupos.

ABSTRACT

Social Work is a profession registered in the socio-technical division of labor, which participates in the process of production and reproduction of social relations in capitalist society, characterized by being an eminently interventional profession. Thus, the discussion about the instruments and techniques used in the action of the Social Worker occupies a prominent place in the professional debate. From this perspective, the professional's intervention in contemporary times has several possibilities of technical- operative instruments: Observation, Home and Institutional Visits, Interviews, among others. Some of these instruments have a more collective character, such as the meeting, the waiting room, the group. Given this context, this article presents a reflection on the possibilities and challenges of working with groups from the report of internship experience with a group of pregnant women from the Wesley Cariri Targino Basic Health Unit, located in Bairro Nova Brasília, in the east side. from Campina Grande /PB, which was constituted as a mandatory internship field in Social Work from November 2016 to April 2018. The same was built from

¹Aluna do Curso de Graduação em Serviço Social da UEPB. E-mail: alba23bsr@outlook.com

the bibliographic research in scientific productions that enabled a better understanding of the theme. In question, as authors such as Guerra, Trindade, and consists of items that address: the instrumentality of Social Work, the tools and techniques used by the social worker, working with groups in the professional career and the internship experience at UBSF Wesley Cariri Targino. The intervention with the Wheels of Conversation with Pregnant Women and Pregnant Families group was well accepted by both the team and the participants, who always showed interest in the subjects covered by bringing individual reports and developing the activities proposed for the group.

Keywords: Social Work. Technical-operative dimension. I work with group.

1 INTRODUÇÃO

O Serviço Social é uma profissão inscrita na divisão socio-técnica do trabalho, que participa do processo de produção e reprodução das relações sociais na sociedade capitalista, caracterizando-se por ser uma profissão eminentemente interventiva. Dessa forma, a discussão sobre os instrumentos e técnicas utilizados na ação do Assistente Social ocupa um lugar de destaque no debate profissional.

Nessa perspectiva, a intervenção profissional dos Assistentes Sociais na contemporaneidade dispõe de diversas possibilidades de instrumentais técnico-operativos, como, por exemplo, a Observação, as Visitas Domiciliares e Institucionais, as Entrevistas, a elaboração de Relatórios e Pareceres Sociais, dentre outros. Instrumentos e técnicas, estes que são imprescindíveis para a intervenção do Assistente Social, visando auxiliar na compreensão e no enfrentamento das demandas postas para o profissional, quando se articula a utilização desses instrumentos e/ou técnicas com o arcabouço teórico de análise da sociedade e com a perspectiva profissional posta pelo projeto ético-político da categoria.

Alguns desses instrumentos possuem um caráter mais coletivo, tais como a Reunião, a Sala de Espera, o Grupo. O trabalho com grupos constitui-se enquanto estratégia interventiva que é utilizada por diversos profissionais, dentre eles o Assistente Social, que atua através de uma ação socioeducativa que visa à socialização de informações e à prática reflexiva dos sujeitos envolvidos, desenvolvendo habilidades de crítica do cotidiano e sua imediaticidade, bem como a capacidade de autonomia dos sujeitos, possibilitando, deste modo, transformações da realidade social. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre a importância dessa estratégia, quais suas particularidades e consonância com as atribuições e competências do Assistente Social em conformidade com o Projeto Ético Político do Serviço Social.

Dessa forma, a motivação para discussão do tema resultou da experiência prática vivenciada no campo de estágio, junto a um grupo de gestantes da Unidade Básica de Saúde Wesley Cariri Targino, localizada no bairro Nova Brasília, na zona leste da cidade de Campina Grande/PB. Assim sendo, este artigo tem como finalidade fazer uma reflexão sobre as possibilidades e desafios do trabalho com grupos a partir do relato de experiência de estágio acima citado, a qual se constituiu enquanto campo de estágio obrigatório em Serviço Social no período de novembro de 2016 a abril de 2018.

O mesmo foi construído a partir da pesquisa bibliográfica em produções científicas que possibilitaram uma melhor apreensão do tema em questão e contribuíram para a concretização deste trabalho, a exemplo de autores como Guerra, Trindade, e está constituído por itens que abordam: a instrumentalidade do Serviço Social, os instrumentos e técnicas utilizados pelo Assistente Social, o trabalho com grupos na trajetória profissional e a experiência de estágio na UBSF Wesley Cariri Targino.

Assim, além de contribuir para o aprimoramento de nosso conhecimento no que

tange a intervenção com grupos, o tema ganha relevância social na medida que contribui dentre outras, para a promoção do diálogo, compartilhamento de informações e troca de saberes, desenvolvimento do senso crítico/reflexivo, estreita relacionamentos inter grupo, é uma estratégia eficaz de socialização de informações, orientações e viabilização do acesso a direitos.

Por tantas, esperamos que o presente trabalho contribua para a reflexão sobre a atuação profissional do Assistente Social, especialmente no que se refere às possibilidades do trabalho com grupos, os quais podem ser formados em vários espaços socioocupacionais, a exemplo das áreas da Educação, Assistência Social, Saúde.

2. A INSTRUMENTALIDADE NO SERVIÇO SOCIAL

Uma característica da profissão de Serviço Social é a sua prática interventiva, seja com indivíduos ou grupos. Essa prática é materializada através do uso de procedimentos, instrumentos e técnicas, acionados conscientemente na direção de determinado resultado.

Assim, a intervenção com grupos se insere no conjunto dos instrumentos e técnicas que compõem a dimensão técnico-operativa da profissão. A sua utilização deve ser compreendida a partir da finalidade almejada pelo profissional no seu cotidiano de trabalho.

Nesse sentido, devemos inicialmente refletir sobre a instrumentalidade do Serviço Social na contemporaneidade e apreender a relação indissociável entre as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa que constituem a profissão.

Conforme definição de Guerra (2007), a instrumentalidade no Serviço Social é elemento indispensável para as transformações almejadas durante a intervenção profissional. Ao alterarem o cotidiano profissional e o cotidiano das classes sociais que demandam a sua intervenção, modificando as condições, os meios e os instrumentos existentes, e os convertendo em condições, meios e instrumentos para o alcance dos objetivos profissionais, os Assistentes Sociais estão dando instrumentalidade às suas ações.

Nessa direção Lessa (1999, p.67) também afirma que:

Ao afirmar que a instrumentalidade é imprescindível no trabalho do Assistente Social, visto que é, resumidamente, a sua propriedade e considerando o trabalho como a transformação, seja do meio, do indivíduo ou de objetos, proveniente de uma relação entre teleologia (ou prévia ideiação) e objetivação, é perceptível a existência de uma correlação entre essas categorias e a instrumentalidade.

Segundo Guerra (2007), toda postura teleológica encerra instrumentalidade, o que possibilita ao homem manipular e modificar as coisas a fim de atribuir-lhes propriedades verdadeiramente humanas, no intuito de converterem-nas em instrumentos/meios para o alcance de suas finalidades. Frente a essa discussão, Guerra (1997 apud GUERRA, 2007, p. 72) discorre:

A instrumentalidade também é compreendida como uma mediação que possibilita uma intervenção profissional de qualidade, que consiste na que perpassa os critérios instrumentais, que muitas vezes é confundido com a própria instrumentalidade, e abarca também conceitos críticos e éticos. Ou seja, nessa perspectiva de mediação, a instrumentalidade possibilita que o Serviço Social se constitua na união de alguns eixos da profissão: ético- político, teórico-intelectual, técnico-instrumental e formativo.

Portanto, a instrumentalidade é um campo de mediações que possibilita uma relação

entre esses eixos de modo crítico, o que colabora para uma articulação na perspectiva de se criar meios e instrumentos para responder as demandas postas à profissão.

A instrumentalidade também é campo de mediação da cultura profissional. Cultura esta desenvolvida cotidianamente pelos profissionais por meio de suas ações, seus valores, princípios, posicionamentos políticos, projetos profissionais entre outras categorias.

Além disso, a fundamentação profissional também está em conteúdos provenientes das ciências sociais e da tradição marxista (GUERRA, 2007).

Nesse sentido, a cultura profissional incorpora conteúdos teórico-críticos projetivos. “Pela mediação da cultura profissional, o Assistente Social pode negar a ação puramente instrumental, imediata, espontânea e reelaborá-la em nível de respostas socio profissional” (LESSA, 1999,p.22).

Esse entendimento nos leva a compreender os instrumentos e técnicas como parte da dimensão técnico-operativa, que, ao lado das dimensões teórico-metodológica e ético-política constituem a instrumentalidade do Serviço Social. Essas dimensões vivem em constante movimento, influenciando umas às outras ininterruptamente, tendo em vista que acionam a visão de mundo do profissional, seu compromisso ético-político, resultando numa ação profissional materializada em procedimentos, instrumentos e técnicas que fazem com que a profissão “apareça” na sociedade. Contudo, sua “existência” ultrapassa a dimensão técnico-operativa.

Deste modo, conforme Santos, Santos, Silva (2012), para conceber a narrativa histórica da instrumentalidade do Serviço Social e entendermos o movimento do vai-e- vem das peças que fazem a composição da trajetória dos instrumentos e técnicas da profissão é necessário designarmos um conceito sobre instrumentalidade.

De acordo com Santos (1990, apud MARTINELLI, 1994, p. 24), “o instrumental é percebido como um conjunto articulado de instrumentos e técnicas, não podendo serem vistos isoladamente, por si sós, de maneira autonomizada, mas como uma unidade dialética”.

Nesse sentido, Santos, Santos, Silva (2012) afirmam que a instrumentalidade pode ser compreendida como a capacidade de articulação e mobilização dos instrumentos norteados pela técnica, não podendo ser vistos como algo isolado e sim inseridos dentro de um movimento como síntese de forças contrárias que se inter- relacionam reciprocamente, ou seja, existe uma relação entre ambos, onde um é a base do outro.

O instrumento é considerado como algo objetivo, inerente ao Assistente Social, antecedendo-o na formação profissional, repetindo-se na história, sendo o elemento mais importante o significado que vão tomando em cada período histórico e nas posições teleológicas dos agentes profissionais (TRINDADE, 2001, apud SANTOS, SANTOS, SILVA, 2012).

O significado que vai assumindo na categoria tempo/espço é fruto de um conhecimento que emerge do capital cultural e da utensilagem mental que cerca o indivíduo: a cultura, os valores, os princípios, que governam a conduta pessoal e profissional de cada Assistente Social e que vão embasar a técnica.

É a manifestação do saber, de sua intencionalidade, portanto, um ato político, ela não é neutra, dado que novas ações ou atos estão articulados e comprometidos com uma prática social (ou não) para a transformação social (ou funcionamento social), com práticas libertadoras (ou mantenedoras do poder e da dominação) (SARMENTO, 1994, apud SANTOS, SANTOS, SILVA, 2012, p. 03).

Portanto, a tecnicidade parte do modo como cada profissional articula os instrumentos levando em consideração a sua prática profissional, sua vivência no contexto social no qual está inserido e as demandas que lhe são conferidas.

Deste modo, Santos, Santos, Silva (2012, p. 04) afirmam:

Não há como lidar com os instrumentos sem um conhecimento prévio ou ao menos uma finalidade, um propósito, como poder escolher a entrevista como instrumento para lidar com o caso de um usuário se não tenho conhecimento sobre ela e muito menos sei mobilizá-la? O instrumento é uma ferramenta que como qualquer outra exige técnica para manuseá-la. O que seria de um médico que não soubesse lidar com um estetoscópio? Como também o que seria dele se soubesse manusear o estetoscópio, mas não tivesse um? Ao mesmo tempo que é necessário o instrumento é imprescindível o domínio deles.

Nesse sentido, a reflexão sobre instrumentos e técnicas remete necessariamente à discussão sobre demandas, respostas profissionais, intencionalidade da ação, acionando os aspectos teórico e ético-político que fundamentam a formação e o exercício profissional do assistente social.

Conforme Costa (2008, *apud* SANTOS, SANTOS, SILVA, 2012, p. 04):

A essa ação conjunta denomina-se instrumentalidade entendida como: a capacidade de mobilização e articulação dos instrumentos necessários à consecução das respostas às demandas postas pela sociedade, composta por um conjunto de referências teóricas metodológicas, valores e princípios, instrumentos, técnicas e estratégias que deem conta da totalidade da profissão e da realidade social, mesmo de forma parcial, mas com sucessivas aproximações.

Assim, a instrumentalidade do Serviço Social desenvolve-se historicamente, acompanhando as diversas configurações que a profissão assume desde seu surgimento, no sentido de responder às demandas postas pelo mercado de trabalho, em articulação com a direção social construída.

Conforme Trindade (1990, *apud* SANTOS, SANTOS, SILVA, 2012, p. 04): “a criação e a utilização de instrumentos e técnicas configuram um processo histórico, que se coloca em determinadas condições econômicas e sociais, em diferentes momentos históricos”.

Além disso, Santos (2010, *apud* SANTOS, SANTOS, SILVA, 2012) acrescenta que, por criar um conjunto dialeticamente articulado com as técnicas, os instrumentos são constantemente aprimorados por elas, face às transformações da realidade e às necessidades sociais postas na sociedade capitalista.

Neste sentido, Fernandes (2010) afirma que, o Serviço Social como qualquer outra profissão liberal existente numa sociedade com modo de produção capitalista, está inscrita na divisão social do trabalho, e por isso deve compreender as relações sociais estabelecidas neste formato de sociedade, imprimindo na sua ação/reflexão profissional, possibilidades de uma práxis social. Tal práxis não é apenas a junção e teoria prática, ela deve estar voltada a transformação da realidade social.

De acordo com Guerra (2005), o Assistente Social é um profissional de extrema importância para a sociedade, principalmente em função da rapidez com que as transformações socioeconômicas ocorrem na atualidade, tendo em vista que o desafio de vencer a desigualdade social, cada vez mais crescente, demanda pessoas capacitadas especificamente para isso, atuando na viabilização de soluções para as situações de vulnerabilidade em que se encontra hoje grande parte da sociedade.

Conforme Pontes (1995, p. 88),

Existem três dimensões fundamentais desenvolvidas na atuação do Assistente Social, a teórico-metodológica que é a área que busca perceber a realidade, a dimensão ética-política que busca democratizar o acesso a bens, e serviços, direitos

sociais e humanos, democracia e políticas sociais, ampliando as funções democráticas do Estado, ao mesmo tempo em que busca levar os indivíduos à emancipação e a dimensão técnico-operativa que está mais relacionada à utilização prática de instrumentos e técnicas para uma intervenção específica, procurando desdobrá-los em procedimentos, tarefas e processos.

O Projeto Ético-Político do Serviço Social direciona o profissional para o compromisso com a classe trabalhadora em meio a uma sociedade capitalista. Segundo Fernandes (2010), este projeto traz implícitas a instrumentalidade da profissão e as mediações necessárias para a construção da totalidade, não como simples soma de partes, mas no complexo movimento da realidade.

Desta forma, o Assistente Social possui na atualidade experiências que diferem da tradicionalidade em que surgiu a profissão de Serviço Social, a sua atuação profissional é modificada colocando-se em conta a necessidade das exigências e das contradições da sociedade capitalista.

Iamamoto (2001, p. 20) afirma que “um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano”.

Sendo assim, o Assistente Social é chamado hoje a atuar no âmbito dos Conselhos de Políticas Sociais (saúde/assistência social) e de direitos da criança e do adolescente, de idosos e de deficientes.

Com base nessa discussão, o Projeto Ético Político além de norte e referência para os Assistentes Sociais, permite a estes profissionais compreenderem sua prática no sentido da transformação coletiva e na promoção de mudanças.

A seguir abordaremos os instrumentos utilizados pelo assistente social no cotidiano do seu trabalho, os quais compõem a dimensão técnico-operativa da profissão, como um dos aspectos da instrumentalidade do Serviço Social.

2.1 Os instrumentos de trabalho diretos ou face a face

Os instrumentos utilizados pelo assistente social, conforme Trindade (2005), fazem parte do acervo das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, o que diferencia a ação de diversas especialidades profissionais é o tipo de abordagem realizada e o enfoque que se deseja imprimir conforme a área de cada profissão.

De acordo com Sousa (2008), os instrumentos de trabalho utilizados pelo assistente social podem se dividir em: instrumentos diretos ou face a face e instrumentos indiretos ou por escrito.

Magalhães (2003 *apud* SOUSA 2008, p. 126) afirma que:

a interação face a face permite que a enunciação de um discurso se expresse não só pela palavra, mas também pelo olhar, pela linguagem gestual, pela entonação, que vão contextualizar e, possivelmente, identificar subjetividades de uma forma mais evidenciada.

Nesse sentido, Sousa (2008) aponta alguns dos instrumentos historicamente utilizados pela profissão que se baseiam na relação face a face:

a) Observação participante

No ponto de vista de Cruz Neto (2004 *apud* SOUSA, 2008), observar é muito mais

do que ver ou olhar. Observar é estar atento, é direcionar o olhar, é saber para onde se olha.
De acordo com Sousa (2008, p. 126),

O Assistente Social ao estabelecer uma interação face a face, estabelece uma relação social com outros seres humanos, que possuem expectativas quanto às intervenções que serão realizadas pelo profissional. Deste modo, além de observador, o profissional também é observado.

Nesse processo há uma interação entre profissional e usuário, caracterizando-se como uma observação participante, na qual não existe neutralidade.

b) Entrevista individual e grupal

A entrevista é um dos instrumentos utilizados pelo assistente social desde os primórdios da profissão. Segundo Sousa (2008, p. 126):

A entrevista nada mais é do que um diálogo, um processo de comunicação direta entre o Assistente Social e um usuário (entrevista individual), ou mais de um (entrevista grupal). Contudo, o que diferencia a entrevista de um diálogo comum é o fato de existir um entrevistador e um entrevistado, isto é, o Assistente Social ocupa um papel diferente – e, sob determinado ponto de vista, desigual – do usuário.

Contudo, deve-se buscar conciliar os objetivos do usuário e do profissional no momento da entrevista, de forma que o usuário possa ser ouvido e sinta-se respeitado pelo profissional.

Dessa forma, entrevistar não significa apenas conversar, requer um rigoroso conhecimento teórico-metodológico, planejamento sério e alcance de objetivos (SILVA, 1995, apud SOUSA, 2008).

c) Dinâmica de grupo

A dinâmica de grupo é um instrumento presente na atuação de diversas áreas profissionais, podendo ser utilizado pelo Assistente Social em diferentes momentos de sua intervenção.

De acordo com Sousa (2008, p. 127), “sucintamente, é uma técnica que utiliza jogos, brincadeiras, simulações de determinadas situações, com vistas a permitir que os membros do grupo produzam uma reflexão acerca de uma temática definida”.

Nesse sentido, a dinâmica de grupo deve estar em consonância com as finalidades estabelecidas pelo profissional de Assistência Social, para que não “vire uma brincadeira” desconectada dos objetivos profissionais.

d) Reunião

Conforme Sousa (2008, p. 127):

Assim como a dinâmica de grupo, as reuniões são espaços coletivos. São encontros grupais, que têm como objetivo estabelecer alguma espécie de reflexão sobre determinado tema. Mas, sobretudo, uma reunião tem como objetivo a tomada de uma decisão sobre algum assunto.

Dessa forma, podem ocorrer com diferentes sujeitos, envolvendo desde a população

usuária, até a equipe de profissionais que trabalham na instituição, sendo necessária em todas as situações em que se pretende que uma determinada decisão seja tomada coletivamente.

e) Mobilização decomunidades

Conforme Sousa (2008, p. 128), “trabalhar em uma comunidade significa compreendê-la dentro de um contexto econômico, social, político e cultural de uma sociedade dividida em classes sociais – e que ela não está descolada da totalidade da realidade social”.

Portanto, trabalhar em projetos comunitários na perspectiva ético-política defendida pelo Serviço Social, exige a criação de estratégias para mobilizar os membros de uma população situada historicamente no tempo e no espaço nas decisões que serão desenvolvidas, uma vez que são eles o público-alvo do trabalho do Assistente Social.

De acordo o autor, é essencial que o Assistente Social conheça a comunidade, os atores sociais que lá atuam, os agentes políticos, as instituições existentes, as organizações, e como se constroem as relações de poder dentro de uma comunidade. Também é fundamental conhecer as principais demandas da comunidade.

f) Visita domiciliar

A visita domiciliar também é um dos instrumentos utilizados pelo assistente social desde os primórdios da profissão. De acordo com Sousa (2008, p.128),

Trata-se de um instrumento que tem como principal objetivo conhecer as condições e modos de vida da população usuária em sua realidade cotidiana, ou seja, no local onde ela estabelece suas relações do dia a dia em seu domicílio.

Dessa forma, ganha relevância na atualidade a possibilidade de conhecimento mais aprofundado da realidade através da realização da visita domiciliar, distanciando-se da perspectiva de controle da população que marcou sua utilização nas primeiras décadas.

A visita domiciliar é um instrumento que aproxima a instituição que está atendendo ao usuário de sua realidade, via Assistente Social. Deste modo, segundo o autor, as instituições devem garantir as condições para que a visita domiciliar seja realizada.

No processo de realização da visita domiciliar ao profissional é exigida a capacidade de ultrapassar a constatação dos fatos, buscando compreender as condições e modos de vida a partir da relação com o contexto social, econômico e cultural das famílias.

Conforme Sousa (2008, p. 128):

É de suma importância que o profissional que realiza a visita tenha competência teórica para saber identificar que as condições de moradia não estão descoladas das condições de vida de uma comunidade onde a casa se localiza, e que, por sua vez, não estão separadas do contexto social e histórico.

g) Visita institucional

Diferentemente da visita domiciliar, a visita institucional se materializa quando o Assistente Social realiza visita a instituições de diversas naturezas, entidades públicas, empresas, ONGs etc.

Dentre as motivações para a sua realização se destacam: necessidade de conhecer uma instituição com a qual um usuário mantém contato; quando se quer conhecer o trabalho de uma instituição; nos casos de avaliação e/ou inspeção (SOUSA, 2008).

Esses instrumentos diretos ou face a face podem ser acionados pelo profissional de maneira combinada, a exemplo da observação que deve ser utilizada em várias circunstâncias da ação profissional.

2.2 Os instrumentos de trabalho indiretos ou por escrito

De acordo com Sousa (2008), os instrumentos de trabalho indiretos são utilizados após a utilização do instrumental face a face, que é caracterizado por uma forma de comunicação mais ativa. Ou seja, é o registro do trabalho direto realizado, que se caracteriza por ser uma comunicação mais “passiva” (MAGALHÃES, 2003, apud SOUSA, 2008).

a) Atas das reuniões

Nas atas registra-se todo o processo de uma reunião: “das discussões realizadas, das opiniões emitidas, e, sobretudo, da decisão tomada – e da forma como o grupo chegou a ela (por votação, por consenso, ou de outra forma)” (SOUSA, 2008, p. 129).

De acordo com o autor, geralmente o relator de uma ata de reunião é designado para tal, podendo ser um membro do grupo ou funcionário da instituição.

b) Livros de registros

O livro de registro é um instrumento importante e bastante utilizado, especialmente em locais onde circula um grande número de profissionais. Conforme Sousa (2008, p. 130),

Trata-se de um livro onde são anotadas as atividades realizadas, telefonemas recebidos, questões pendentes, atendimentos realizados, dentre outras questões, de modo que toda a equipe tenha acesso ao que está sendo desenvolvido.

c) Diários de campo

É um instrumento que auxilia bastante o profissional no processo de aprendizagem contínua no cotidiano do seu trabalho, trata-se de anotações livres do profissional, individuais, em que sistematiza suas atividades e reflexões.

De acordo com Sousa (2008), o diário de campo é importante porque o Assistente Social ao refletir sobre seu processo de trabalho, “pode perceber onde houve avanços, recuos, melhorias na qualidade dos serviços, aperfeiçoamento nas intervenções realizadas - além de ser um instrumento bastante interessante para a realização de futuras pesquisas” (p.130).

d) Relatório social

O relatório social é uma exposição do trabalho realizado e das informações adquiridas durante a execução de determinada atividade.

Segundo Sousa (2008), pode ser referente a qualquer um dos instrumentos face a face, como pode descrever as atividades desenvolvidas pelo profissional. Assim, os diferentes relatórios sociais são instrumentos privilegiados para a sistematização da prática do Assistente Social.

e) Parecer social

O parecer social registra uma avaliação teórica e técnica realizada pelo Assistente

Social dos dados coletados. Ou seja, é uma opinião que deve ser fundamentada, com base em uma perspectiva teórica de análise.

De acordo com Sousa (2008, p.131),

o parecer social é crucial, pois é ele que dá ao Assistente Social uma identidade profissional – a inexistência de um parecer reduz o relatório a uma simples descrição dos fatos, não permitindo nenhuma análise profunda sobre os mesmos.

A seguir abordaremos de modo mais específico o trabalho com grupos, classificado neste item como um dos instrumentos de trabalho diretos ou face a face.

3. O SERVIÇO SOCIAL E A INTERVENÇÃO COM GRUPOS

Ao longo dos tempos a profissão de Serviço Social sofreu modificações importantes na sua prática interventiva. Conforme Sarmiento (1994, p.37),

O Serviço Social é reconhecido pela sua prática interventiva, área que atua diretamente com a questão social e desse modo precisase reinventar diante da complexidade e heterogeneidade das demandas sociais que são colocadas, assim a abordagem grupal como instrumento de intervenção do Serviço Social recorrente nos diversos âmbitos sociais, segue uma perspectiva de mudança em um campo individual e coletivo.

Deste modo, a ação do Assistente Social está intimamente ligada ao enfrentamento das expressões da questão social, buscando intervir nas relações e no dia a dia das pessoas para modificar a visão de mundo, contribuindo para o reconhecimento e na efetivação dos direitos e deveres comocidadãos.

Portanto, pensar abordagem grupal nos remete à história da humanidade que sempre esteve marcada pelos grupos sociais que se formavam, baseados nos sentimentos de pertencimento, identificação, percebidos na família, escola, trabalho, amigos e na comunidade/bairro em que se vive.

De acordo com Moreira (2013), o grupo é fundamental para que as pessoas evoluam e construam o seu ser social a partir da interação e da socialização de suas experiências.

A partir dessa constatação Moreira (2013, p. 11) nos diz,

O trabalho com grupos é uma prática inerente à cultura profissional do Assistente Social e está presente no trabalho de campo desde seus primórdios. Mesmo após todas as mudanças pelas quais o Serviço Social brasileiro experimentou – em especial com o Movimento de Reconceituação – este instrumento permanece ocupando um importante lugar no arsenal técnico operativo de seus profissionais. Muitas são as formas de se explorar a dimensão político-pedagógica do Assistente Social durante um trabalho grupal.

Assim, a história do Serviço Social com grupos compreende os fundamentos históricos críticos e os aspectos técnico-operativos nos processos e na dinâmica grupal adotados no Brasil diante da perspectiva socioeducativa.

Portanto, a intervenção com grupos se propunha a enquadrar os indivíduos à ordem vigente, no entanto, após o Movimento de Reconceituação, a postura do Assistente Social se modificou e a partir da década de 1990 a atuação profissional ampliou-se e passou a ter um cunho político-pedagógico emancipador, ou seja, com ações socioeducativas que objetivam

contribuir para a autonomia dos sujeitos.

Em meio à trajetória histórica do Serviço Social e suas reformulações e readaptações, as áreas de atuação como Saúde, Previdência, Educação, entre outras, passaram a contar com protocolos e parâmetros que auxiliam o exercício profissional, tornando viável alguns espaços e fortalecendo os sujeitos sociais através de práticas educativas e reflexivas.

A Lei nº 8.662/1993 no Artigo 4º, sobre as competências do Assistente Social, aponta:

Artigo 4º. Constituem competências do Assistente Social (...) III – encaminhar providências, e prestar orientação social a indivíduos, grupos e à população; V – orientar indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no sentido de identificar recursos e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos (...) (BRASIL, 2011, p. 44-45)

Portanto, a lei enfatiza a atuação do Assistente Social junto a grupos com o propósito de orientá-los e prestar assistência nos variados segmentos sociais, pensando grupo como meio para uma busca de recursos, atendimentos e defesa de direitos. Para Trindade (1999, p.288),

Os procedimentos de caráter grupal são aqueles que envolvem o atendimento dos usuários e agrupamentos organizados pelos Assistentes Sociais, geralmente tomando como critério a existência de situações comuns, que implicam necessidades comuns. Os grupos assumem características bem diferentes e o seu desenvolvimento faz parte de um esforço profissional voltado à ampliação das possibilidades de compreensão e reflexão dos usuários, através da convivência entre pessoas que possuem necessidades e situações de vida semelhantes.

Deste modo, a abordagem grupal não significa um amontoado de pessoas que são retiradas de seu mundo e tratadas isoladamente, é um processo gradativo em que o primeiro ato é conhecer os indivíduos, as suas realidades econômicas, políticas e sociais, pois a aproximação deve ser realizada de forma lenta e gradual.

Segundo Moreira (2013), o desafio para o Assistente Social é compreender e identificar a realidade do indivíduo e posteriormente do grupo. É retirar uma questão individual e torná-la grupal.

Na perspectiva de tomar as experiências evidentes para a coletividade, percebe-se a troca, ou seja, uma via de mão dupla, onde o indivíduo narra suas vivências e ouve de seus companheiros. Nessa troca não deve haver imposições ou sentimentos de superioridade, mas diálogos que gerem reflexões sobre a realidade e que promovam ajuda mútua na identificação de problemas e na procura de soluções para as dificuldades.

Para Silveira; Vieira (2016, p. 43):

A participação em grupos exige a pré-disposição para dividirmos nossas experiências ou expectativas com os demais participantes do grupo, é um encontro de sujeitos com histórias de vida e vivências diferenciadas, é a prática do encontro. O encontro consigo mesmo e com os demais, o encontro da vida em sociedade. É passado pelo dividir, ensinar, expor, tudo levado em conta o sujeito, o afeto, a cognição, o meio social e a sensibilidade, pois cada informação no grupo está alinhada com a formação do indivíduo que faz parte dele. Portanto, o vínculo entre os participantes do grupo é de importância singular para o direcionamento democrático e coletivo das suas ações.

Deste modo, a abordagem grupal é importante, pois o grupo tem a capacidade de realizar os objetivos mais rapidamente, pois são várias mentes em reflexão. Contudo, trabalhar com grupos exige muita empatia do Assistente Social.

[...] cada membro do grupo tem uma função que contribui para a manutenção da estrutura global, na qual o sistema deve funcionar com um grau mínimo de coerência interna, sem permitir persistentes que venham a ameaçar essa coerência. (CAVALCANTE, 1979, p.70)

Portanto, esses grupos são compostos por indivíduos singulares, com opiniões próprias e desse modo existem divergências de percepções e interesses e a sociedade capitalista em que estão inseridos torna-os mais individualistas e competitivos.

Para evitar as tensões inerentes ao grupo, o Assistente Social se propõe a entender os distanciamentos e aproximações, buscando sempre o consenso do grupo para que todos possam sebeneficiar.

As diferenças culturais e sociais dificultam, mas não impossibilitam o trabalho do Assistente Social, pois a sua proposta é assegurar a igualdade de direitos por meio de intervenções e diálogos. A abordagem grupal cria uma rede de comunicação e colaboração que tende a provocar modificações no pensar, agir e ser dos indivíduos, favorecendo a transformaçãosocial.

Logo, o trabalho do/a assistente social com grupos deve estimular/oportunizar espaços para fluir as habilidades e a criatividade dos participantes do grupo com o propósito de contribuir para a evolução do mesmo, tanto no sentido de desenvolvimento dos indivíduos como do grupo como um todo. (SILVEIRA; VIEIRA, 2016)

3.1 Aspectos importantes no trabalho com grupo

De acordo com Guimaraes (2004 *apud* VILERINE, 2016), alguns aspectos práticos devem ser considerados pelos profissionais que empreendem uma proposta de trabalho com grupos.

a) Identidade grupal

É a solidificação de características que constituem um “rosto” para o grupo. É criada durante o processo que passa pela afirmação de conceitos e objetivos comuns, que evidencie uma utilidade direta e transformadora na vida dos membros dogrupo.

O Assistente Social pode influenciar na formação da identidade grupal na medida em que opera sobre os modos de organização interna, liderança e distribuição do poder no grupo, mediando a influência exercida pelos seus componentes ou pelas instituições.

b) Comunicação

A comunicação, fala e expressões é um dos principais aspectos componentes da construção da identidade do grupo. Deste modo, o Assistente Social deve contribuir para a efetivação de relacionamento cooperativo, estimulando as falas e ao mesmo tempo observando as expressões fisionômicas dosparticipantes.

De acordo com Guimarães (2004 *apud* VILERINE, 2016), não se pode imaginar um grupo sem comunicação eficaz, ao contrário, é necessário fluidez de opiniões, ideias e valores num conjunto articulado aos objetivos.

c) Regras e contrato

Todo trabalho de grupo é realizado num campo desconhecido, repleto de diferentes pensamentos, comportamentos, valores, emoções, ações, e que precisa oferecer a segurança necessária para a convivência dos participantes. Desta forma, a necessidade de estabelecer algumas regras que constituíram o contrato deste grupo.

Segundo Guimarães (2005 *apud* VILERINE, 2016), o contrato pode ser escrito e afixado num mural ou registrado em livro-ata, conferindo assim maior importância às regras propostas e acatadas pelos membros do grupo.

d) Sigilo

O sigilo sobre os assuntos e situações tratadas nas reuniões do grupo é um aspecto muito importante e que deve ser definido com antecedência pelos participantes para estar registrado como compromisso no contrato.

Conforme Vilerine (2016), o sigilo pode ser analisado primeiramente sob o aspecto do profissional que está na posição de mediador ou coordenador do grupo, quando se justifica sob a égide do Código de Ética do Assistente Social, que estabelece no seu artigo 15: “O sigilo protegerá o usuário em tudo aquilo de que o Assistente Social tome conhecimento, como decorrência do exercício da atividade profissional”.

Deste modo, é vedado ao Assistente Social revelar a intimidade dos usuários, sendo que deve prevalecer também o sigilo entre os participantes do grupo na medida em que o fortalecimento dos seus vínculos favorece a emergência de assuntos particulares que serão compartilhados entre todos.

e) Definição de papéis

A definição de papéis entre os participantes do grupo é outro aspecto relevante para o sucesso do trabalho em grupo.

De acordo com Guimarães (2004, *apud* VILERINE, 2016), os papéis não são definidos simplesmente por uma determinação institucional, mas na verdade são incorporados, vividos e depois deixados de acordo com as diversas situações e momentos de evolução do trabalho grupal.

Deste modo, a pessoa que é coordenadora em determinado momento poderá não o ser em outro, bem como entre os participantes poderá despontar lideranças que assumirão o papel de coordenador.

f) Liderança

Quando falamos de definição de papéis implicamos no reconhecimento de que estes papéis têm um peso no estabelecimento da liderança no trabalho de grupo.

O Assistente Social que trabalha com grupo, sob a perspectiva de seu projeto ético-político, tem que promover um processo de liderança democrático, privilegiando a participação de todos nas tomadas de decisões. (VILERINE, 2016).

g) A atividade grupal

Conforme Baro (1989 *apud* VILERINE, 2016), o trabalho com grupo é composto de determinadas atividades ou ações que se orientam para uma modificação externa (da comunidade ou instituição) e interna (aspirações e necessidades individuais).

Neste sentido, intervir na vida das pessoas e da comunidade é responsabilidade muito séria, merecendo todo cuidado e preparo do Assistente Social com vistas a assegurar

resultados satisfatórios.

h) Reunião

É um instrumento amplamente utilizado pelo Assistente Social, presente no seu cotidiano de trabalho, tanto na atuação com grupos, como na interação com usuários e comunidades ou nos encontros com outros profissionais. Em cada um destes espaços a reunião assume características que dependem da interação com outros instrumentais e da forma de condução do profissional.

De acordo com Souza, (1991, *apud* VILERINE, 2016), a reunião é um instrumento coletivo de reflexão sobre as necessidades, preocupações e interesses comunitários, assim como de organização e ação.

Deste modo, a reunião deve ser conduzida de forma democrática e participativa deixando espaço para interação entre todos os presentes.

3.2 A importância dos grupos nas relações sociais

Eiras (2006 *apud* SANTOS, NORONHA, 2010) destaca que através da categoria grupo é possível compreender a dinâmica das classes sociais na sociedade. Desta forma, o grupo possui uma dinamicidade marcada por tensões, expressando processos históricos de dominação e exploração.

Os grupos e as práticas grupais são resultado do movimento da realidade social no qual é necessário, para sua análise, não apenas a compreensão das suas relações internas, mas também aspectos externos que interferem no processamento dos fenômenos grupais como a historicidade, as questões materiais, ideológicas, políticas como também a luta de classes (EIRAS, 2009 *apud* SANTOS e NORONHA, 2010, p.124).

Pode-se entender, portanto, que os grupos e as práticas grupais ocorrem mediante ações que são motivadas pela necessidade, interesse, desejo, afeto, prazer, ou seja, os grupos surgem diante de uma motivação a fim de realizarem ações em comum.

Lane (2012, p.78) problematiza a categoria grupos na sociedade capitalista enfatizando que a partir desta é possível compreender as determinações que agem sobre o sujeito além das ações que o homem objetiva na realidade, marcado sempre pelo caráter histórico, tendo o entendimento de que “toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam”.

Nesse sentido, o grupo é visto em sua totalidade no qual há uma ligação entre o grupo e o restante da sociedade sendo que os interesses individuais de seus membros vão durante o trabalho em grupo se tornando interesses coletivos. Ou seja, é na identificação com pontos em comum dos sujeitos envolvidos no processo grupal que ocorre o sentimento de pertencimento, o “sentido de nós” que ocasiona as ações em conjunto e emerge nas pessoas a necessidade de atuar em grupo.

Como descrito anteriormente é através de algum elo entre os indivíduos que leva à constituição do grupo e o seu processo de atuação é “que deflagra a possibilidade de agir grupalmente” (EIRAS, 2009 *apud* SANTOS, NORONHA, 2010).

Dessa maneira, verifica-se a importância de se ter clareza teórico-metodológica sobre grupos, pois através dela se delimita a operacionalidade do trabalho e a intencionalidade das ações.

A seguir abordaremos de modo mais específico o trabalho com grupo realizado através

da experiência de estágio obrigatório em Serviço Social.

4. A EXPERIÊNCIA NO GRUPO RODAS DE CONVERSA PARA GESTANTES E FAMÍLIAS GRÁVIDAS DA UBS “WESLEY CARIRI TARGINO”

Por todos esses aspectos descritos anteriormente, neste item abordaremos a experiência com o grupo de gestantes e famílias grávidas na UBS “Wesley Cariri Targino”. Para tanto, inicialmente apresentaremos a instituição campo de estágio.

4.1 Caracterização institucional

Em meados de 2002 o bairro de nova Brasília, localizado na zona leste da cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, foi contemplado com a implantação de uma Estratégia Saúde da Família (ESF).

Conforme relatos da assistente social da unidade, a implantação da UBS se deu inicialmente em uma casa de saúde alugada, paga pela prefeitura e em meio a um período de mobilizações populares e lutas da comunidade, foi conseguido através de doações um terreno. Logo após sua legalização foi dado início à construção da referida unidade de saúde. Assim sendo, em novembro do ano de 2011 a UBS Wesley Cariry Targino foi inaugurada pelo então prefeito Veneziano Vital do Rêgo Segundo Neto. Segundo informações colhidas na época (2017), o quadro da Unidade era composto por 15 funcionários, divididos em duas equipes, as quais são separadas por microáreas, sendo cinco microáreas para cada uma.

Na equipe um, a unidade conta com cinco microáreas e quatro atuantes, ficando uma microárea descoberta; a equipe dois conta com cinco microáreas e apenas uma dessas é coberta por ACS, ficando quatro microáreas descobertas. O número de agentes comunitários de saúde está reduzido, em consequência de alguns problemas, tais como: uns agentes se aposentaram e outros vieram a óbito. Com isso, o trabalho da equipe fica comprometido, com sobrecarrega aos ACS atuantes, tornando muito complicado trabalhar a saúde das famílias sem ACS cobrindo todo o território.

A estrutura física da unidade conta com vinte e duas dependências: recepção, sala de arquivo, sala de vacinação, sala de farmácia, sala de reunião, sala odontológica, sala de esterilização. Segundo relatos da assistente social, na instituição desenvolvem-se atividades direcionadas às mais diversas linhas de cuidados preconizadas pelo Ministério da Saúde: saúde da mulher, saúde do homem, saúde da pessoa idosa, saúde da criança e adolescente, saúde bucal; além do atendimento às demandas espontâneas.

Desta forma, o Serviço Social na ESF objetiva ampliar e facilitar o acesso aos direitos sociais dos moradores locais, nas mais diversas Políticas (saúde, educação, previdência, assistência, habitação, etc).

Segundo o relatório de atividades da assistente social (PAIVA, 2009), na instituição ela atua junto às determinações sociais que interferem no processo saúde/doença da população, promovendo e viabilizando os direitos desta, através dos serviços disponíveis na rede de instituições locais, pelo levantamento das necessidades sociais realizado nos atendimentos individuais, em grupo, nas visitas domiciliares, e subsequentemente, com os devidos encaminhamentos intersetoriais.

Na perspectiva de se trabalhar com grupos, em meados do ano de 2017, foi desenvolvido na unidade o curso “Roda de Conversas para Gestantes e Famílias Grávidas”, criado e desenvolvido pelas estagiárias do curso de serviço social da Universidade Estadual da Paraíba e a equipe de saúde da unidade.

Não obstante, visando responder na medida do possível tais demandas, a assistente social da unidade relata que se utiliza dos instrumentos e técnicas para inserir o usuário na

rede de serviços, para a agilidade e efetivação do atendimento e assim suas atribuições e competências sejam afirmados na resolubilidade do fazer profissional, ou seja, a profissional se orienta pelo código de ética e utiliza instrumentos e técnicas para materializar sua ação profissional.

Os instrumentos e técnicas utilizados pela profissional são: atendimento individual, visita domiciliar, análise de conjuntura, salas de espera, parecer social, encaminhamentos intersetoriais e contatos institucionais, entre outros.

É nesse contexto que atua a assistente social da UBSF Wesley Cariry Targino, na perspectiva de promover, junto com os demais profissionais da equipe, a agilidade e efetivação dos direitos dos usuários.

Deste modo, a presente reflexão se deu através do espaço de vivência, onde se pode conhecer, e compreender estas gestantes, acontecimentos e situações vivenciadas pelas mesmas. Pois, a vivência, enquanto instrumento profissional, não se dá de forma casual e espontânea, mas através de um planejamento, de uma ação refletida que sabe aonde quer chegar, o que pretende fazer, o que precisa conhecer. Na experiência de estágio percebemos uma unanimidade no uso da abordagem grupal, pois, definitivamente, o ser humano depende da convivência em sociedade, precisa de convivência grupal para seu aprendizado e como condição para construir sua humanidade.

4.2 Impressões acerca da experiência no grupo rodas de conversa para gestantes e famílias grávidas da UBS “Wesley Cariri Targino”

O trabalho com grupos é uma necessidade muito comum no cotidiano de trabalho do Assistente Social, sendo importante salientar que tem um significado que supera a simples aplicação de dinâmicas de grupo.

Partindo desse entendimento e acreditando na importância do trabalho com grupos, cabe ressaltar a enorme contribuição do desenvolvimento de uma atividade de estágio denominada “Agosto Dourado” – campanha difundida pelo Ministério da Saúde de estímulo à amamentação. Tendo em vista a boa participação de usuáries neste evento, buscou-se junto com a equipe da unidade a possibilidade de elaboração de um projeto com a finalidade de aprofundamento de temas pertinentes à gestação, especialmente no que se refere aos direitos das gestantes. O que se propôs na ocasião foi a disponibilização de um “curso” preparatório para as famílias grávidas atendidas na unidade.

A proposta tinha como objetivo tratar dos cuidados com a saúde, bem como de temas relacionados aos direitos das gestantes. Em termos organizacionais, a ideia é que cada encontro consistisse em uma **roda de conversa** entre profissionais e usuáries(s), tendo como facilitadores (as) profissionais da equipe da ESF, estagiárias, supervisora acadêmica ou convidado (a).

Assim sendo, a operacionalização do curso² ocorreu quinzenalmente em um período de três meses (outubro a dezembro de 2017), totalizando sete encontros realizados no auditório da unidade, com aproximadamente 01h de duração cada um. Após o levantamento de temas junto ao grupo, os de maior relevância para as Rodas de Conversa foram:

- Amamentação;
- Parto;
- Alimentação e saúde bucal na gravidez;
- Desenvolvimento do bebê na gestação;

² O custeio do material utilizado na execução do projeto ficou sob a responsabilidade das idealizadoras do projeto. A participação dos/as facilitadores/as se constituiu em atividade voluntária.

- Cuidados com o bebê;
- Sexualidade na gestação e planejamento familiar;
- Gravidez e questões emocionais.

Tomando por base esse levantamento de interesses, posteriormente foi traçado um cronograma com as datas dos encontros e os profissionais que iriam promover as discussões no decorrer do curso.

Consideramos que a intervenção com o grupo Rodas de Conversa com Gestantes e Famílias Grávidas, teve uma boa aceitação tanto pela equipe, quanto pelas participantes, que persistiram até o final em sua maioria, mesmo que, como era de se esperar, ao longo do curso algumas gestantes se evadiram, mas outras novas se incorporaram ao grupo. As participantes sempre demonstraram interesse nos assuntos abordados trazendo relatos individuais e desenvolvendo as atividades propostas para o grupo.

Quanto à participação familiar no curso, pois o espaço foi aberto para a família, o número foi ínfimo. Registramos apenas a presença de uma avó no primeiro encontro e dois pais em alguns deles. No que diz respeito às temáticas abordadas pelos profissionais, as mesmas foram desenvolvidas de forma dinâmica e coerente com a realidade das participantes.

Nesta perspectiva, diante de tudo que foi vivenciado durante o curso, os resultados nos mostram que o mesmo foi de grande importância para a comunidade e respondeu de forma positiva aos nossos anseios, mesmo diante das adversidades encontradas ao longo dessa trajetória, como o espaço cedido para os encontros, que servia para outros fins e ficava um “entra e sai” constante durante as rodas de conversa, e a falta de patrocínio para custeio do material e dos lanches que servíamos nos encontros com o grupo.

A experiência contribuiu para o aprimoramento de nossos conhecimentos no que diz respeito ao trabalho educativo com grupos, as atribuições e competências do Assistente Social, bem como nos fez perceber a importância da utilização desse instrumento para discussão do acesso aos direitos dos usuários garantidos constitucionalmente.

Observou-se que o Assistente Social tem a tarefa eminentemente social, ligada a necessidade de sensibilização e conscientização de cidadãos cientes de seus direitos, do seu papel de participação na sociedade. Percebeu-se também que a maior parte dos participantes trazem suas questões de forma subjetiva e individual e estas questões terão que ser discutidas respeitando as individualidades de cada um e a realidade social na qual o indivíduo está inserido.

Assim sendo, o grupo é um instrumento adotado pela maioria dos Assistentes Sociais, pois, é através dele que as informações e recursos coletados são socializados entre as pessoas envolvidas, ou que tenham interesses em comum, nesta perspectiva o Assistente Social junto aos demais integrantes, tem um tempo para refletir e socializar as informações, devendo as decisões serem tomadas pelos participantes, evitando contradições e autoritarismo, prevalecendo a democracia.

Deste modo, este trabalho nos mostrou que um grupo está constituído quando seus membros, como é o caso do grupo em estudo, atribuem significado para suas ações, quando há prazer em encontrar-se para refletir acerca de suas tarefas com objetivos coletivos.

Através de rodas de conversas, as grávidas deixaram evidente que através do trabalho desenvolvido, nesta Unidade Básica de Saúde, a proposta foi relevante para a comunidade, contribuiu para a construção de conhecimentos, considerou o respeito as individualidades e através do espaço de reflexão que as sensibiliza para a possibilidade de transformação social. Tendo em vista que somente nas relações sociais os indivíduos podem fortalecer vínculos, onde seus membros se influenciam mutuamente, acessar diferentes perspectivas de vida, trocar informações e projetar-se na experiência do outro.

Observou-se que neste grupo a intervenção do Serviço Social é marcada por dimensões distintas, mas complementares entre si, demonstrando que a prática do Assistente Social é algo complexo, contraditório e inacabado, sendo fundamental a apreensão destas dimensões em sua totalidade.

Com relação ao trabalho com este grupo, o profissional do Serviço Social, da referida Unidade Básica de Saúde adota estratégias eficazes de socialização de informações e luta por direitos, possibilitando o diálogo entre as participantes, a troca de saberes, assim, sensibiliza as grávidas a repensarem seu cotidiano promovendo o pensamento crítico/reflexivo acerca da realidade social na qual esta inserido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho conclui-se que o Serviço Social é um campo profissional que atua principalmente no processo de reprodução das relações sociais e de como as classes trabalhadoras pensam e agem, sendo sua prática determinada pela contradição entre as classes na sociedade capitalista e que ao longo do tempo a profissão sofreu rebatimentos importantes na sua prática interventiva, tendo em vista os desafios impostos pela lógica capitalista.

Assim sendo, a ação do Assistente Social está intimamente ligada ao enfrentamento das expressões da questão social, onde busca intervir nas relações e no dia a dia das pessoas para modificar a visão de mundo, contribuindo para o reconhecimento e na efetivação dos direitos e deveres comocidadãos.

A partir da reflexão acerca das possibilidades e dos desafios do trabalho com grupos, percebe-se que o Assistente Social pode criar estratégias coletivas de materialização de direitos, através da socialização de informações e induz os sujeitos envolvidos a repensarem seu cotidiano criticamente, romperem com a imediatividade e construir formas de sociabilidade mais humanas e democráticas.

Contudo, não é possível pensar um instrumento de trabalho como se ele pudesse ser mais importante do que os objetivos do Assistente Social. É importante ressaltar que independente do instrumento que se utilize, a dimensão ético-política deve ser respeitada. Neste sentido, como todo conhecimento é inacabado, a reflexão sobre instrumentos e técnicas remete necessariamente à discussão sobre demandas, respostas profissionais, intencionalidade da ação, acionando os aspectos indissociáveis das dimensões que fundamentam a formação e o exercício profissional do assistente social.

Existem diversas metodologias criadas por Assistentes Sociais em todo o mundo, pois os instrumentos não são estáticos, eles respondem às necessidades de diferentes contextos e realidades sociais. Sendo assim, cabe a cada um de nós, Assistentes Sociais, ter a capacidade de administrar essa pluralidade de práticas para podermos reconstruir e aperfeiçoar a história da nossa profissão.

Sugere-se a continuidade do trabalho com grupos, com foco em temas pertinentes a realidade e contexto social no qual o indivíduo está inserido. Pudemos perceber que, entre os diversos meios de intervenção, o trabalho com grupos é um importante instrumento base para o compartilhamento de informações, orientações, favorecendo a apreensão das demandas individuais e da realidade e o estreitamento do relacionamento entre os participantes. Há de se considerar na atual conjuntura que existem limitações para se efetivar uma oferta de serviços qualificados à população. De todo modo, nosso papel como assistente Social é fortalecer as ações que viabilizam o resgate da cidadania e autonomia dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Conselho Federal de Serviço Social**. Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10ª. ed. revista e atualizada. Brasília. 2011.

CAVALCANTE, G. **Modelos Teóricos do Serviço Social com Grupos**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

COSTA, L. C. **Questão social e políticas sociais em debate**. Sociedade em debate. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; Educar, v. 12, n.2, p.61-76, jul. dez, 2008. CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004

FERNANDES, O. Categorias fundamentais para a compreensão da instrumentalidade no trabalho do assistente social. In: **Instrumentos técnico- operativos no Serviço Social: um debate necessário/** Cleide Lavoratti; Dorival Costa (Org.). Ponta Grossa: Estúdio Texto,2016.

GUERRA, Y. “Ontologia do ser social: bases para a formação profissional” In: **Revista Serviço Social e Sociedade** n.54. São Paulo: Cortez, 1997.

GUERRA, Y. D. A força histórico-ontológica e crítico analítica dos fundamentos. In: **Revista Praia Vermelha**. Estudos de Política e Teoria Social, nº 10, Programa de Pós-graduação em Serviço Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

GUERRA, Y. **A Instrumentalidade do Serviço Social**. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

GUERRA, Y. O projeto profissional crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n.91,2007.

GUIMARÃES, C. H. O grupo sócio educativo com famílias. In: **Trabalhos com famílias**. WANDER-LEY, Mariangela Belfiore; OLIVEIRA, Isaura I, de M. C.e (Org). São Paulo,2004.

GUIMARÃES, C. H. O trabalho socioeducativo sob o olhar da Psicologia. In: WANDERLEY, M. B; OLIVEIRA, I. C. (Org.). **Trabalho com famílias: textos de apoio**, v.2, São Paulo: IEEPUC-SP, 2004

IAMAMOTO, M. V. **As dimensões ético-política e teórico-metodológicas no Serviço Social contemporâneo**. Trajetórias e desafios. 2001.

LANE, S. T. M. O Processo Grupal. In: CODO, W. e LANE, S. T. M. (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LESSA, S. **O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade**. In:

Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo 2. Brasília, CEAD-UNB, 1999.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINELLI, M. L; KOUMROUYAN. E. Um olhar para a questão dos instrumentais técnico operativos em Serviço Social. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**, ° 45, ano XV. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINELLI, M. L. Reflexões sobre o Serviço Social e o Projeto ético político profissional. **Revista Emancipação**, v. 6. 2007.

MOREIRA, C. F. N. **O trabalho com grupos em Serviço Social**: a dinâmica de grupo como estratégia para reflexão crítica. Cortez; São Paulo, 2013

PAIVA, N. R. B. Relatório das atividades desenvolvidas pelo Serviço Social na Estratégia Saúde da Família, Distrito I. Campina Grande-PB. 2009.

PONTES, R. N. **Mediação e Serviço Social**. São Paulo. Cortez, 1995.

_____. Mediação: **Categoria fundamental para o trabalho do Assistente Social**. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 4, Brasília: UnB, CEAD, 2000.

SANTOS, C. M. dos. FILHO, R de S; BACKX, S. **A dimensão técnico operativa do Serviço Social**: Questões para reflexão, 2ª edição. Juiz de Fora. Editora da UFJF, 1990.

SANTOS, C. M dos; NORONHA, K. O Estado da arte sobre os instrumentos e técnicas na intervenção profissional do Assistente Social – uma perspectiva crítica. In: FORTI, Valéria; GUERRA, Yolanda (orgs). **Serviço Social**: temas, textos e contextos. Coletânea Nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010.

SANTOS, L. dos; SANTOS, L. D; SILVA, R. R do N. **Prática do Assistente Social e a importância dos instrumentos técnicos-operativo**. Artigo apresentado no VI Colóquio Internacional: Educação e contemporaneidade. São Cristovão-SE\Brasil, 20ª 22 de setembro de 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/33.pdf> Acesso em 14 de setembro de 2019.

SARMENTO, H. B. de M. **Instrumentos e técnicas em Serviço Social**: elementos para uma discussão. Dissertação de mestrado em Serviço Social. São Paulo, PUC, 1994.

SARMENTO, S. **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social**: Desafios contemporâneos. 2ª edição< Juiz de Fora: UFJF, 2014.

_____. **O debate contemporâneo sobre a intervenção profissional**: In: FAGUNDES, H. S; SAMPAIO, S. S. Serviço Social: Questão Social e direitos humanos. V. I. Florianópolis: editora da UFSC, 2014. P. 159 a 188.

SILVEIRA, D de M; VIEIRA, K. M. V. **Trabalho Social com Grupos**. UnisulVirtual, Palhoça, 2016.

SILVA, M. O. da S. **Formação Profissional do Assistente Social: inserção na realidade social e na dinâmica da profissão.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA, C. T. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. **Emancipação**, Ponta Grossa,8 (1), 119- 132, 2008.

TRINDADE, Rosa Lúcia Prédes. **Desvendando o significado do instrumental técnico-operativo na prática profissional do Serviço Social.** 1999.347 f.Tese (Doutorado em Serviço social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.1999.

TRINDADE, R. L. P. Desvendando as determinações sócio históricas do Instrumental técnico operativo do Serviço Social na articulação entre demandas sociais e projetos profissionais. In: **Temporalis**. ABEPSS. Ano 2, nº 4. Brasília: Graflin, 2001.

VIEIRA, K. S. de A. **Abordagem com Grupo e Serviço Social: do Tradicional aos Dias atuais.** Curso Introdutório para a Disciplina de Processos de Trabalho II. Em 60 dezembro de 2012. 30f. Notas de aula. Mimeografado Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2016.

VILERINE, R. M. de L. Os instrumentos técnicos no trabalho com grupos. In: **Instrumentos técnico-operativos no Serviço Social: um debate necessário**/Cleide Lavoratti; Dorival Costa (Org.). Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2016.

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

Existiam muitos caminhos a seguir, esse foi o escolhido. Alguns não compreenderam a minha escolha, porém tua luz divina me orientou, tua mão me ergueu, quando prostrada diante das dificuldades, o teu braço amigo me ergueu até o fim. Minha eterna gratidão, por ter me acompanhado, desde o momento da escolha até aqui, onde sei que uma nova jornada começa.

Agradeço aos meus pais e demais familiares, que iluminaram os caminhos obscuros, com afeto e dedicação, para que os trilhasse, sem medo, e cheia de esperança. A vocês, que se doaram inteiros, e renunciaram seus sonhos, para que muitas vezes eu pudesse realizar os meus. Sendo assim, muito obrigada, por me guiarem sempre, essa vitória dedico a vocês, que estiveram juntos sempre ao meu lado em todos os momentos que precisei.

Agradeço aos amigos, que participaram dessa jornada, compartilhando incertezas, medo, angústias. Mas somando entusiasmo, forças e alegrias. O amor não se força, não se compra, e não se vende, o amor acontece lentamente em silêncio e devagar. Por isto, meu muito obrigado, por vocês existirem e fazerem parte de minhavida.

Agradeço aos mestres, por dedicarem seu tempo e sabedoria para que nossa formação fosse um aprendizado de vida.

Grata a todos!

ANEXO – FOTOGRAFIAS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDA

Estagiárias do curso de serviço social, Nutricionista Clara, equipe da UBS e gestantes.



FONTE: Acervo próprio.

A nutricionista Clara fazendo demonstração com os seios artificiais



FONTE: Acervo próprio.

A doula Francielly orientando as gestantes.



FONTE: Acervo próprio.

A odontóloga Cristina e a nutricionista Clara conduzindo a roda de conversa.



FONTE: Acervo próprio.

Dr. Murilo e a enfermeira Glaucia, profissionais da Unidade Básica de Saúde.



FONTE: Acervo próprio.



FONTE: Acervo próprio.

Entrega dos certificados e encerramento do curso com as gestantes.



FONTE: Acervo próprio.



FONTE: Acervo próprio